

"A impopularidade como mérito"

ENTREVISTA O ex-ministro Roberto Amaral alerta para os riscos das reformas de Michel Temer e puxa o coro pelas Diretas Já

Ministro da Ciência e Tecnologia no primeiro mandato de Lula, o cientista político Roberto Amaral desembarcou do PSB, do qual foi um dos fundadores, em março de 2016, pouco antes da votação do *impeachment* de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados. A legenda, que apoiou o tucano Aécio Neves no segundo turno das eleições de 2014, também foi favorável à decapitação da presidenta. Sem esconder a decepção, Amaral avalia que a sigla que ajudou a construir tornou-se fisiológica e oportunista, mas mantém uma fé inabalável na mobilização popular, única força capaz de deter os retrocessos do governo de Michel Temer.

Para Amaral, somente o povo pode indicar uma saída para a crise política, razão pela qual apoia o movimento pelas Diretas Já. Em visita à redação de *CartaCapital*, na terça 25, ele falou sobre a greve geral prevista para 28 de abril e enfatizou a necessidade de uma autocrítica dos partidos do campo progressista. A íntegra, em vídeo, está disponível em www.cartacapital.com.br.

— A Rodrigo Martins

CartaCapital: Citado por numerosos delatores da Lava Jato, Temer é avaliado positivamente por 5% da população, enquanto 78% dos brasileiros desejam a cassação do seu mandato,



"A ignorância das classes dominantes sustenta esse governo", avalia o ex-ministro

segundo recente pesquisa Vox Populi. O que sustenta este governo?

Roberto Amaral: A ignorância da classe dominante brasileira, a burrice das elites. Esse governo nasce de uma doença política incurável, a ilegitimidade. Nasce de um golpe que envolveu o Parlamento, o Poder Judiciário e a mídia, mas que não restaurou nenhuma base popular para o governo. Este governo do retrocesso prometeu que tudo faria, porque seria o dono do Congresso. Montou seus ministérios para assegurar uma maioria parlamentar, mas surgem sinais de defecção. Hoje, Temer utiliza a sua impopularidade como mérito. Como não deve nada ao povo, dispõe-se a realizar para o

PSDB, para a Federação das Indústrias de São Paulo, para a classe dominante em geral, aquilo que um governo popular, nascido da soberania do voto, jamais poderia arcar. O atual governo fracassou do ponto de vista político e, notoriamente, tem na sua base a corrupção. Este é o quadro que vivemos. Mas não é, lamentavelmente, o pior. O pior é destruir a ordem constitucional, rever todas as conquistas populares asseguradas pela Constituição de 1988.

CC: Quais os riscos das reformas trabalhista e previdenciária?

RA: Dos trabalhadores, tiram tudo. Em todo o mundo, o salário e o trabalho são protegidos legalmente, pois, no conflito entre o trabalho e o capital, o trabalhador é a ponta mais frágil. Essa é a razão de existir uma Justiça especializada, uma legislação específica, que é a Consolidação das Leis do Trabalho. Agora, esse governo diz que todas as proteções podem ser substituídas por um acordo de sindicato. Ou seja, não vale a lei, vale o acordo. Isso pode funcionar, por exemplo, para o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, porque é uma organização forte. No entanto, mais de 90% dos sindicatos das categorias profissionais são frágeis. Como é possível retirar proteção do trabalhador no atual cenário, em que 13 milhões de brasileiros estão desempregados? Vão tirar a proteção no momento mais frágil?

CC: Que ameaças a reforma da Previdência reserva?

ICIRO GUERRA/DILMA 13 E CRIS FRAGA/NURPHOTOZUMA PRESS/FOTORENA



RA: Retira perversamente a proteção na velhice. O mais pobre, aquele que realmente precisa da Previdência, é o primeiro a entrar no mercado de trabalho. Como podem exigir idade mínima igual de quem entra no mercado após a universidade e daquele que começou a trabalhar aos 15 anos? É um negócio desumano. Qual é a economia que isso representa para a Previdência? E se cobrássemos impostos sobre as grandes fortunas? Por que não se pensa em aumentar os impostos para as transmissões de herança e as doações? Vamos calcular quanto significa isso. Temos muitas alternativas que não penalizam quem mais precisa da Previdência.

CC: As pesquisas captam uma

elevada rejeição às reformas, mas as centrais sindicais enfrentam dificuldade para mobilizar setores estratégicos da economia em um cenário de elevado desemprego. O senhor acredita em uma adesão maior em 28 de abril?

RA: Estamos tranquilos com relação a isso. De um lado, temos um governo que mente o tempo todo, com essa campanha

“Este governo nasce de uma doença política incurável, a ilegitimidade”

Sentimento popular. “O povo começa a perceber que deste governo não sairá nenhum progresso, nada em sua defesa”

uniforme dos meios de comunicação. De outro, há um processo de desmoralização do governo. A população, apesar de tudo, percebe que a realidade não corresponde à propaganda. Estamos conseguindo explicar aos trabalhadores, por meio dos sindicatos, quais são as ameaças que pairam sobre a sua liberdade e sobre o seu trabalho. O povo começa a perceber que desse governo não sairá nenhum progresso, nada em defesa dos seus interesses.

CC: Os movimentos que integram as frentes Brasil Popular e Povo Sem

Seu País

Sobe o ex-partido. “O DNA do PSB atual é o oportunismo”, afirma Amaral. O apoio a Aécio Neves em 2014, avalia, não foi ideológico, mas baseado no cálculo errado de que o tucano venceria

Medo puxam a bandeira pelas Diretas Já. Na sua opinião, a antecipação de eleições é viável, trará resultado?

RA: Esse debate é inevitável. Não podemos combater o assalto à Previdência sem associá-la ao combate ao governo Temer. Não há alternativa no processo democrático fora do voto popular. Então, temos de defender eleições diretas. Mas também precisamos defender uma reforma política, porque uma eleição qualquer, no sistema que aí está, pode reproduzir o Congresso que já foi eleito.

CC: Mas dá para confiar neste Congresso para tocar a reforma política?

RA: Não dá para confiar no Congresso, mas sim na possibilidade de a sociedade pressioná-lo. O governo começa a perder a força em sua própria base parlamentar. Hoje, sabemos que dificilmente passará no Senado a reforma trabalhista com a redação proposta. Repare: este é o mesmo Parlamento que decapitou a Dilma. Qual é o fato novo que tem entre a destituição da presidenta e as dificuldades do governo Temer com os parlamentares? É a opinião pública. Essa manifestação de 28 de abril, a qual acredito que será massiva, vai influir no Congresso. Os parlamentares eleitos por fraude, por dinheiro, por isso ou aquilo, estão retornando às suas bases e vão sentir que elas não estão ao lado desse governo. Apostamos nisso.

CC: Qual é o papel dos partidos de esquerda neste momento?

RA: Sobreviver. O máximo que podemos querer é sobreviver. Não existe democracia, principalmente representativa, sem partidos políticos. É preciso, no entanto, reconhecer que nós, dos partidos que atuam no campo progressista,



“O máximo que os partidos de esquerda podem querer é sobreviver”

precisamos fazer uma revisão do que temos sido nos últimos anos. Uma revisão de práticas, programas e alianças, sobretudo das legendas que estiveram no poder, como o PT. É necessária uma revisão do que fizeram de errado e, principalmente, do que deixaram de fazer.

CC: O que os governos petistas não fizeram?

RA: O principal erro foi não acreditar no povo, deixou de discutir e politizar todos os seus atos. As conquistas sociais deveriam ter sido debatidas com a sociedade.

Deveríamos ter explicado para a sociedade o que programas como o Minha Casa Minha Vida, Luz para Todos, Bolsa Família significam. Deveríamos ter discutido a regulamentação dos meios de comunicação de massa. Por que não fizemos a reforma tributária? Poderíamos ter feito reformas quando Lula tinha 80% de aprovação, mas não fizemos nenhuma.

CC: O PSB, partido do qual o senhor desembarcou quando a legenda passou a flertar com a direita, manifestou oposição à reforma da Previdência. Como o senhor vê essa mudança?

RA: O DNA do PSB atual é o oportunismo. Ele não foi para a direita em 2014 não por opção ideológica, mas pela presunção oportunista de que o Aécio Neves venceria as eleições. Foi só por isso. Tornou-se um partido fisiológico, que agora defende os trabalhadores por oportunismo. Folgo com isso, é um oportunismo salutar, se é possível dizer assim, pois pode nos ajudar com votos a derrotar o governo. Não sei se a bancada vai cumprir as ordens da Executiva Nacional, mas, se cumprir, ótimo. •

JOEL SILVA/FOLHA PRESS